

## EDUCAÇÃO PARA A MORTE NA ESCOLA: APROXIMAÇÕES SOBRE O TEMA EM SALA DE AULA

Shana Hastenpflug Wottrich. UFSM. shana.wottrich@gmail.com.  
Lilian Lopes Pereira. UFSM. llpereira@terra.com.br.  
Vanessa Mendes Pinto Mostardeiro. UFSM. psivanessapinto@yahoo.com.br.  
Karina Silva Molon de Souza. UFSM. ksmolon@gmail.com.  
Solange Capaverde. UFSM. solveverde.sma@terra.com.br.  
Alberto Manuel Quintana. UFSM. albertom.quintana@gmail.com.  
Ana Cristina Garcia Dias. UFSM. anacristinagarciadias@gmail.com.

### 1 Introdução

A morte tem sido, contemporaneamente, tema bastante interdito. Embora sendo a única realidade imutável da vida, pouco se fala sobre ela. No entanto, nem sempre foi assim. No sentido de ampliar o entendimento sobre as representações da morte, como historicamente construídas, Ariès (1977) fez um resgate da constituição das concepções sobre o tema. Apontou questões relevantes acerca da construção histórica dos rituais e percepções que envolvem a morte e o morrer. Afirmou que, aproximadamente até a Idade Média, a morte era aceita como parte de um processo inerente à vida, sendo o moribundo protagonista desse processo, juntamente aos familiares, amigos, vizinhos, incluindo as crianças.

A partir da Idade Média o processo foi tomando contornos que remetem à concepção de morte com algo vergonhoso e proibido. A construção histórica dessa idéia passou pelas novas relações, mais claramente vislumbradas, diante dos ideários da Idade Moderna. Tais ideários evidenciaram valorização da cientificidade, das descobertas e do surgimento do capital como força de produção. Considerando o doente terminal como improfícuo para uma sociedade regida pela lógica da produtividade, o morrer tornou-se, então, símbolo de fracasso. Assim, a morte passou a ser lentamente silenciada, mostrando-se como tema irrefletido, tornando-se um algo proibido (ARIÈS, 1977).

Outra questão pertinente à realidade social da interdição do tema morte, diz respeito ao debate contemporâneo em relação ao processo decisório acerca da doação de órgãos. Segundo estudo conduzido por Quintana e Arpini (2009), a morte é uma das diversas construções imaginárias que estão relacionadas à doação. Está presente tanto no que diz respeito ao ato da recepção de um órgão, isto porque o surgimento deste órgão está atrelado à morte de alguém, quanto à doação em si, considerando-se que a decisão acerca da doação vincula-se às representações acerca da morte encefálica. Nesse escopo, existem múltiplos matizes para as concepções de morte, dependentes do meio social e variáveis psicológicas que determinam as representações dos envolvidos no processo de decisão pela doação. Segundo os autores, a desconsideração de tal pluralidade de significações atribuídas à morte poderia constituir impedimento no que se refere à formatação de um chamamento que faça sentido às populações de diferentes níveis sociais.

Em conseqüência, torna-se relevante considerar aspectos inerentes a funcionamentos de dinâmicas familiares que envolvam o processo de doação. Por tratar-se de tema culturalmente interdito e não havendo a possibilidade de sua apropriação ao longo do desenvolvimento do processo de morrer, torna-se mais angustiante e difícil para as famílias a decisão a respeito da doação. Tal cenário pode estar vinculado à interdição social concernente a verbalizações e expressões dos desejos dos pacientes terminais e de seus familiares. Entende-se que tal processo de abertura para o tema deva ser iniciado desde a infância, de forma que possa ser construído, problematizado e re-pensado, ao longo de todo o desenvolvimento do ser humano.

Ainda, cabe ressaltar que, as crianças, na modernidade, passam a participar do funcionamento de ocultamento, medo e interdição da morte. O processo de socialização não a concebe e não prepara os pequenos sujeitos para sua vivência, priorizando o entendimento de poupá-los, protegê-los da ansiedade e do tumulto diante do acontecido. (HOFFMAN, 1993). Usam-se eufemismos e mentiras, diante da perda de alguém da família, e proíbe-se que participem das conversas, discussões e temores sobre o tema. Afasta-se a criança sob o pretexto de que essa realidade representa uma sobrecarga que ela não consegue dar conta (KOVÁCS, 1992; KÜBLER-ROSS, 2008). Nesse contexto, vai sendo incorporada uma idéia negativa sobre o tema, mobilizando ansiedade, questões não respondidas, não entendidas e não aceitas (HOFFMAN, 1993).

Sabe-se, no entanto, que, diante de situações que remetem à terminalidade, as crianças observam seu entorno e buscam se apropriar de informações sobre o que está acontecendo, dependendo do nível cognitivo e do desenvolvimento afetivo em que se encontram. A concepção de morte na criança tem seu início a partir da consideração da morte do outro, até evoluir para a concepção de sua própria morte. Mas isso implica em autoconsciência de finalidade e separação. É importante ressaltar que, aproximadamente, a partir dos sete anos de idade, o indivíduo se torna capaz de simbolizar o tempo psicológico (KOVÁCS, 1992; TORRES, 1999).

Segundo Fongaro e Sebastiani (2003) tempo psicológico consiste em uma noção de tempo mais sofisticada e subjetiva, estando relacionado com as noções simbolizadas pela cultura referentes ao tempo. Esse fator é de fundamental importância para a noção clara da própria finitude e para uma consciência da irreversibilidade da morte (CHIATTONE, 2003).

A morte de um dos pais ou de um irmão causa imensa dor. Até os cinco anos de idade, a criança percebe a morte como temporária e gradual, podendo ainda considerá-la reversível. Entre cinco e nove anos, a morte é percebida como algo ou alguém que vem buscar a pessoa, podendo ser sentida como um fenômeno irreversível, mas não necessariamente universal. Só entre nove e dez anos é que a criança compreende a morte como universal, sendo percebida como um processo de cessação das atividades que ocorrem no corpo (KOVÁCS, 1992).

Diante da idéia de interdição da fala sobre a morte ao longo do desenvolvimento infantil, pode-se assinalar as idéias de Bowlby (1979). Para o autor, usar como refúgio o silêncio apenas dificulta a evolução do processo de luto da fase do entorpecimento para as fases de procura e desespero. A criança necessita dos pais como suporte narcisista, sustentação identificatória e figuras receptivas a seus movimentos pulsionais. Deste modo, a angústia diante da perda do objeto amado é intolerável para o ego imaturo, não autônomo, levando a importantes mecanismos de defesa. O processo do luto não implica no desligamento total do objeto perdido, tendo em vista que a ligação com o objeto interno permanece e é ressignificada durante o trabalho de luto.

Com base nestas percepções considera-se que, compreender a criança, suas angústias, seu modo de se defender delas, a fase de seu processo de desenvolvimento, são fatores essenciais para a docência. Abordar esta temática vai depender do entendimento que o professor possui do processo de elaboração do luto. A morte abala alunos, funcionários da escola e professores, pelos vínculos afetivos que mantém e, assim, vê-los sofrer é dolorido. Os professores, ao perderem alunos ou pais de alunos, sofrem duplamente, pois percebem intimamente que a morte pode atingi-los (MAZORRA; TINOCO, 2005).

Segundo Maraschin, Freitas e Carvalho (2003), quando os pais ou professores outorgam à criança o direito de pensar e falar, permitem, então, um modelo saudável para a aprendizagem. Assim, quando uma criança da escola vive a perda significativa de alguém, é comum que os colegas de classe se envolvam também, em função do fenômeno descrito. Estes acabam identificando-se com o colega e padecem um pouco da situação pela qual o outro está passando. Compreender o que está acontecendo com a classe e com a criança

enlutada serão ferramentas necessárias, para auxiliar o professor a lidar com a dinâmica da sala (MAZORRA; TINOCO, 2005).

A escola deve estar atenta, para não ignorar o aluno que está em luto de morte, fingindo nada ter acontecido (KOVÁCS, 2003). Deve-se deixar aberto um canal de comunicação, respeitando as diferentes manifestações infantis sobre o assunto, pois a criança, talvez fique aparentemente bem nos primeiros dias, mas logo poderá apresentar tristeza. O seu rendimento na aprendizagem tenderá a cair, e a escola deverá dirigir o olhar para tais reações.

Para Mazorra e Tinoco (2005) a atuação preventiva com crianças no momento da morte ou mesmo logo após o acontecido é muito valiosa. Ela não permite que o luto se torne eixo central da vida da criança, propiciando uma maneira de interpretar o acontecimento de forma saudável e adaptativa, para lidar com o fenômeno. A vivência dessa experiência pode levar a criança ao desenvolvimento de uma maturidade duramente conquistada. A intervenção visa possibilitar à criança, tornar-se dona de sua história, estando apta para contar e relembrar o fato, podendo enfrentar a realidade de forma mais adaptativa.

Nesse sentido, torna-se relevante discorrer sobre o significado do processo educacional. Educar significa aprender, tomar conhecimento, e, sobretudo, tomar consciência da realidade da vida. Educar é refletir o porquê de tantos problemas e dificuldades em que os seres humanos se envolvem a cada instante sem saber as suas causas e origens (GONZAGA DE SOUZA, 2006).

Com relação aos parâmetros curriculares nacionais, no volume de Ciências Naturais, a morte aparece de forma implícita em várias reflexões, na tentativa de contribuir para uma reconstrução da relação homem-natureza (BRASIL, 2001). De forma mais direta, a morte apresenta-se na proposta de estudo da interdependência entre os organismos vivos e as relações deles com o meio onde habitam. Estas relações podem ser enfatizadas nos estudos das teias e cadeias alimentares, quando se faz necessária a morte de um ser para que outro sobreviva. Outro conteúdo é a concepção de corpo humano como um sistema integrado percebido como um todo articulado, cuja doença deve ser vista como um estado de desequilíbrio. O mesmo documento explicita a questão da morte como inerente aos seres vivos, como um assunto importante com o qual as crianças precisam ter contato. A escola não deve evitar as influências dos fenômenos naturais e sociais que ocorrem na comunidade, assim como o professor pode permitir-se abordar a morte na sua prática cotidiana, considerando que ela também é parte de sua realidade. É importante que ele busque conhecimentos relacionados a uma educação para a morte, para assim, desconstruir esse tema enquanto tabu na sala de aula, em todos os níveis de educação, permitindo que seja construído enquanto objeto de conhecimento escolar na prática docente (BRASIL, 2001; MELO, 2007).

Considera-se que o estudo deste tema se justifica por haver, em geral, dificuldades em falar sobre a morte como parte do processo de aprendizagem e do desenvolvimento dos seres humanos. Observa-se uma necessidade atual de discutir e refletir sobre o assunto nas instituições de ensino, pois a comunidade escolar entra diariamente em contato com a morte, direta ou indiretamente.

Acredita-se que reflexões e construções baseadas em leituras e debates possam resultar no desenvolvimento da cidadania e da promoção de saúde a partir da abertura de um espaço que possibilite a inserção da educação para a morte e cuidado de si e do outro, no contexto da educação escolar. Além disso, pensa-se que a facilitação do trânsito sobre o tema desde a infância poderia implicar em um processo decisório que envolva mais discernimento e maturidade no que se refere à doação de órgãos.

A partir dessas considerações, este trabalho tem como objetivo descrever o processo de planejamento e implantação do subtema “Educação para a morte: ações em cuidado de si e dos outros enfocando vivências de morte e luto na infância e na adolescência” em uma escola municipal de ensino fundamental de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul.

## **2 Método**

Trata-se de uma pesquisa de caráter exploratório, de natureza qualitativa, em que se apresentam e discutem, em um primeiro momento, as concepções prévias dos professores participantes da proposta, para, a seguir, organizar as atividades e realizar o planejamento das oficinas do subtema “Educação para a morte: ações em cuidado de si e dos outros enfocando vivências de morte e luto na infância”.

## **3 Resultados e Discussão**

### **3.1 Contexto**

O subtema “Educação para a morte: ações em cuidado de si e dos outros enfocando vivências de morte e luto na infância” originou-se do Projeto de Extensão vinculado à Linha de Pesquisa Educação, Enfermagem e Saúde do Centro de Ciências da Saúde, da Universidade Federal de Santa Maria, nomeado “Projeto Solverde: a leitura como promotora da educação para a saúde e para a cidadania”. Este projeto propõe intervenções de cunho social e cultural em escolas da cidade de Santa Maria, RS, de modo a explorar desde noções de higiene e saúde até o desenvolvimento da auto-estima e da auto-imagem, em estudantes, professores e pais, objetivando a promoção da saúde. Como base para a execução das propostas do referido projeto são enfocados os sentidos de utilização, ordenação, limpeza, saúde, autodisciplina e cidadania. Por sentido considera-se o exercício da capacidade de apreciar, julgar e entender, incluindo a aplicação correta da razão para compreender os fatos ou raciocinar em cada caso em particular.

Dessa forma, o objetivo do Projeto Solverde é trabalhar pedagógica e ludicamente os sentidos com os alunos do ensino fundamental e médio, professores e comunidade escolar, proporcionando ampla discussão sobre os temas educação, saúde e cidadania. Tal projeto congrega pesquisadores e acadêmicos da UFSM, e profissionais da comunidade em uma proposta de educação para a saúde e para a cidadania, em uma escola municipal.

No Sentido da Saúde emerge o subtema acerca da educação para a morte. Tal subtema tem como objetivo geral instrumentalizar os professores para discussões sobre a temática da morte com o público infantil e adolescente em sala de aula. Os objetivos específicos de tal subtema são: explorar as representações que os professores possuem sobre a presença ou a ausência da abordagem da temática da morte no cotidiano escolar; sensibilizar os professores sobre a importância da temática morte no contexto de ensino e de aprendizagem; e, estimular a inclusão de tal temática no repertório de planejamento de atividades em sala de aula.

O planejamento das oficinas, a fim de alcançar tais objetivos, foi realizado em grupos de trabalho semanais, congregando profissionais e pesquisadores das áreas da educação, enfermagem e psicologia. A perspectiva de aplicação desse subtema prevê a realização de oficinas destinadas aos professores participantes do projeto. Tais oficinas estão programadas para serem desenvolvidas em três encontros, com espaçamento quinzenal, tendo cada um, a duração de uma hora e trinta minutos.

Iniciando a aplicação das atividades do Sentido de Saúde, foi realizada uma reunião com os professores da referida escola, na qual foram apresentadas as propostas dos subtemas referentes ao sentido e aplicado um questionário semi-aberto para verificação das expectativas e vivências prévias dos professores.

### **3.2 Considerações sobre a aplicação do questionário**

O questionário referente ao Sentido de Saúde foi respondido por 18 professores da escola onde serão realizadas as oficinas. Tal questionário continha perguntas referentes aos mais diversos âmbitos da saúde, que foram respondidas em encontro realizado nas

dependências da escola. Com relação às questões acerca da temática morte, as perguntas versaram sobre a existência de vivências relacionadas à morte e à finitude em sala de aula e a forma de manejo com essas vivências, quais as dificuldades enfrentadas para a abordagem do assunto e quais as expectativas em relação ao desenvolvimento relacionado ao tema em sala de aula, junto aos alunos.

Com relação à pergunta sobre a experiência prévia de situações relacionadas à morte, oito integrantes do grupo responderam já ter vivenciado tal situação. No entanto, destes apenas três afirmaram ter trabalhado com a temática em sala de aula a partir de tal vivência. A temática foi categorizada como “difícil e sensível”. A dificuldade de aceitação “da dor da perda” apareceu atrelada a “dificuldades de falar sobre o assunto”. O fato de não ter elaborado a perda de pessoas próximas pareceu representar certa incapacidade de “mexer nesses sentimentos”, por conseguinte, impossibilitando a abordagem do assunto.

Em respostas posteriores, sete professores mencionam tentar trabalhar a temática da morte junto aos alunos. Nesse ponto, colocam a importância do trabalho a partir da concepção de morte como algo natural. Há, ainda, menção à vinculação entre a abordagem de tal temática e questões vinculadas à religião e à disciplina de ensino religioso.

Em relação àqueles que não trabalharam o assunto, salientam-se respostas que remetem ao sentimento de despreparo e desamparo para a abordagem do tema. Aparece a sensação da existência de “medo” em tocar em conteúdos afins, a falta de “embasamento teórico” e até a menção de que não se trabalha o tema “por egoísmo”. Assim, seja pelo entendimento de que há questões pessoais envolvidas que dificultam a aproximação com a temática, seja por dificuldades vinculadas à ausência de conhecimento referente às questões sobre a morte, tais questões ficam à margem dos conteúdos trabalhados em sala de aula.

Para os professores, quando questionada a perspectiva sobre a forma com que abordariam o assunto, aparece novamente a menção à necessidade de uma suposta “naturalidade” na abordagem ou a expressão interjetiva de que não têm ideia de como fazê-lo. Para alguns, parece haver um entendimento de que a morte é uma temática que também diz respeito à vida, na medida em que o viver implicaria em “pequenas perdas” constantes, ou seja, pequenas mortes.

Tais respostas fazem pensar na ambivalência de sentimentos que as palavras escritas pelos professores expressam. Embora alguns apontem a necessidade de ser abordado o tema com crianças e adolescentes, posto que a morte faz parte da vida, é relevante pensar-se que muitos atribuem dificuldades pessoais no sentido de fazê-lo. Percebe-se neste grupo, talvez, certo avanço no que diz respeito às concepções sobre morte e infância expostas por Kovács (1992), Hoffman (1993) e Kübler-Ross (2008). Tais autores mencionam o mascaramento do tema, quando se trata de crianças e de adolescentes, pela percepção da existência de certa vulnerabilidade em pessoas dessas faixas etárias. Os professores, no entanto, não parecem apontar as dificuldades em falar sobre o assunto como oriundas do contexto de desenvolvimento de seus alunos, mas sim como limitações advindas de si mesmos, seja sob a égide do despreparo emocional ou vinculado ao (des)conhecimento do assunto. Suas colocações parecem concordar parcialmente, portanto, com as concepções de Mazzorra (2005), na medida em que evidenciam temer o próprio sofrimento ao lançarem-se na apresentação e discussão do tema. Nesse sentido, é possível pensar-se na existência de certo amadurecimento de tais sujeitos, pois demonstram colocarem-se implicados nas dificuldades encontradas para trabalhar o assunto junto aos seus alunos.

### 3.3 Considerações sobre o planejamento das atividades

Considerando-se o sentimento de despreparo expresso pelos professores no que diz respeito à abordagem de aspectos pessoais que envolvem experiências vinculadas à morte, entendeu-se ser necessário estruturar as oficinas focando formatar um espaço de reflexão

sobre o manejo com tal temática, tanto no âmbito pessoal, quanto no profissional. A partir disso, organizou-se o cronograma de atividades das oficinas. Em tal planejamento, dividiram-se as atividades de acordo com objetivos estipulados para cada encontro. O primeiro encontro foi caracterizado como um momento que objetiva sensibilizar os professores para a necessidade de discussão da temática da morte e apresentar algumas atividades a serem propostas nas oficinas. O segundo encontro tem como objetivo aproximar os professores da temática da morte e discutir estratégias de trabalho em sala de aula. No terceiro encontro os pesquisadores se propõem a avaliar, em conjunto com os professores da escola, as estratégias utilizadas em sala de aula para a abordagem da temática morte, bem como as oficinas de capacitação.

#### 4 Considerações finais

Embora as atividades estejam em desenvolvimento, cabe ressaltar que o contato com os professores, até então, indica a percepção da existência, de fato, de uma lacuna no que diz respeito à formação docente para a abordagem de tal tema. Essa lacuna não se refere, necessariamente, a conhecimentos transmitidos na academia, mas sim à existência de certa (in)disponibilidade pessoal para a reflexão acerca do sentido da finitude para cada sujeito.

Ao serem planejadas e propostas as atividades das oficinas, não se objetivou minimizar os sentimentos envolvidos neste cenário, muito menos tornar a morte uma questão de fácil abordagem. Almeja-se abrir um espaço de reflexão em que os sujeitos possam falar de si, possibilitando a ampliação do trânsito de discussões da temática com seus alunos e culminando com o planejamento de atividades a serem implantadas.

#### Referências

- ARIÈS, P. *História da morte no ocidente: da idade média aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- BOWLBY, J. *Formação e rompimento dos laços afetivos*. São Paulo: Martins Fontes, 1979.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: ciências naturais*. 3.ed. Brasília(DF): Ministério da Educação, 2001.
- CHIATTONE, H.B.C. A criança e a morte. In: Angerami-Camon, V.A. (Org.). *E a psicologia entrou no hospital*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003. p.69-146.
- FONGARO, M.L.H.; SEBASTIANI, R.W. Roteiro de Avaliação Psicológica Aplicada ao Hospital Geral. In: Angerami-Camon, V.A. (Org.). *E a psicologia entrou no hospital*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003. p.5-64.
- GONZAGA DE SOUSA, L. *Debate e Discussões* [Online]. 2006. Disponível em: <<http://www.eumed.net/libros/2006a/lgs-deb/>>. Acesso em 10 maio 2009.
- HOFFMAN, L.. A morte na infância e sua representação para o médico – reflexões sobre a prática pediátrica em diferentes contextos. *Cadernos de Saúde Pública*, v.9, n.3, 1993. [online], Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v9n3/23.pdf>>. Acesso em 10 maio 2009.
- KOVÁCS, M.J. *Educação para a morte: temas e reflexões*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Morte e desenvolvimento humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.
- KÜBLER-ROSS, E. *Sobre a morte e o morrer*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- MARASCHIN, C.; FREITAS, L.B.L; CARVALHO, D.C. (Orgs.). *Psicologia e Educação: multiversos sentidos, olhares e experiências*. Porto Alegre: EDUFRGS, 2003.
- MAZORRA, L.; TINOCO, V. *Luto na infância: Intervenções psicológicas em diferentes contextos*. São Paulo: Livro Pleno, 2005.

MELO, M.S.N. A concepção de morte nos parâmetros curriculares nacionais e a prática docente. In: XIV Colóquio Nacional da AFIRSE-Secção Brasileira, 2007. *Anais ...*. Natal: EDUFRN, 2007. p.151-2.

MENEZES, R.A. *Em busca da boa morte: antropologia dos cuidados paliativos*. Rio de Janeiro: Garamond, FIOCRUZ, 2004.

QUINTANA, A.M. ; ARPINI, D.M. Doação de Órgãos: possíveis elementos de resistência e aceitação. *Boletim de Psicologia*, 2009. [No prelo].

TORRES, W.C. *A criança diante da morte: desafios*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.